

---

# O Compositor Nicolau Ribas

---

João-Heitor Rigaud

---

Artigos Meloteca 2011

---



As origens musicais de Nicolau Medina Ribas estão no seu avô José Mariano Ribas, músico militar catalão, que, no início do século XIX, fixou a família no Porto.

José Mariano Ribas foi um chefe de banda de grande sucesso e um compositor de música militar digno de nota, para além de ter criado no Porto sólida reputação como professor de clarinete. Da sua música, infelizmente, hoje em dia nada se conhece visto que todo o seu espólio desapareceu, restando apenas algumas preciosas informações conservadas no *Livro dos obitos dos professores de musica que tem falecido na cid<sup>e</sup> do Porto*.

Dois dos seus filhos, José Maria e João António, foram músicos de grande craveira e compositores de muito mérito.



José Maria Ribas

José Maria Ribas, flautista eminente, dedicou parte do seu tempo à composição de música para flauta incentivado pelas pesquisas que levou a cabo com o seu sogro, o construtor de flautas Thomas Scott, que deram como resultado a construção de um instrumento com nove chaves e algumas inovações ao nível do tubo, graves sólidos, afinação melhorada e mais possibilidade de resposta à agilidade do flautista do que os outros modelos de flauta então em uso.

Assim, a música de José Maria Ribas atinge um patamar de virtuosidade nada habitual para a época caracterizado não só pela velocidade de determinadas passagens, mas também pela flexibilidade que exige do instrumento. No entanto, apesar da bravura evidenciada em algumas passagens, estas peças demonstram que o compositor não se esquecia de que estava a fazer arte e que o seu instrumento tinha capacidades melódicas dignas de exploração, por isso a bravura, não raro, dá lugar ao *cantabile* e a estrutura arquitectónica da peça acontece com naturalidade.

Se, por um lado, as Fantasias para flauta e orquestra documentam toda a panóplia de possibilidades à disposição do compositor, por outro lado, os duetos para duas flautas, essencialmente melódicos, retiram todo o seu especial interesse das situações harmónicas e

tonais que resultam do contraponto das duas linha melódicas documentando, assim, a natureza eminentemente musical do autor.

João António Ribas, o pai de Nicolau, que se distinguiu como compositor, violoncelista e chefe de orquestra de grande mérito, dedicou a maior parte da sua vida à cidade do Porto onde exerceu o ensino em diversos colégios e a direcção da orquestra do Real Teatro de S. João.

Foi uma pessoa extraordinariamente conceituada e compôs obra musical variada da qual constam Hinos, música sacra, peças para orquestra, um método para violoncelo, uma recolha de música folclórica portuguesa, a primeira elaborada em Portugal, e música de câmara da qual fazem parte duas preciosas Sonatas para flauta e guitarra que tiveram uma primeira edição em Hamburgo, com data pouco posterior à da composição, e chegaram aos nossos dias tendo sido recentemente editadas pela segunda vez.



Teatro de São João

Estas duas Sonatas denotam uma tendência estilística onde um rigoroso classicismo formal dá coerência a diversas situações virtuosísticas, melódicas e rítmicas, apresentando abordagens técnicas muito variadas mas sempre de grande musicalidade.

Há ainda uma faceta, hoje em dia obscura, da actividade criativa de João António Ribas, que é a de orquestrador: na época em que Ribas dirigia óperas no Real Teatro de S. João, nem sempre era possível obter as partituras de orquestra necessárias à execução completa das peças em cartaz, por isso, assessorado pelos jovens compositores Francisco Eduardo da Costa e José Francisco Arroyo, socorria-se das partituras vocais que os cantores possuíam e, sempre que necessário, orquestrava-as de novo, o que, sendo mal visto por alguns críticos, obtinha os favores do público que assim podia ouvir a música.

A sua memória musical, aliada à técnica no campo da orquestração, permitia-lhe, por vezes, reconstituir as partituras que já antes dirigira, porém, todo este trabalho levado a efeito por J. A. Ribas desapareceu, presumivelmente, devido ao incêndio que, em Abril de 1908, destruiu completamente o Real Teatro de S. João e a sua preciosa biblioteca.

Os oito filhos de João António Ribas receberam esmeradíssima educação musical, foram todos músicos e alguns deles também se dedicaram à composição.

João Vítor Medina Ribas, personalidade dotadíssima, emigrou para o Brasil aos vinte anos de idade e por lá ficou até ao fim da sua curta, mas muito agitada, vida, compondo, tocando violino e dirigindo orquestras. A sua música desapareceu quase toda, no entanto, os comentários publicados na imprensa periódica e a enorme cantata para solistas, coro e orquestra, *Il nuovo Pigmalione*, dedicada à imperatriz brasileira, cujo manuscrito autógrafo está conservado na Biblioteca Nacional do Brasil, documentam um compositor detentor de vastos recursos musicais.

Pouco mais de um ano depois de João Vítor, nasceu Eduardo Medina Ribas que se distinguiu, sobretudo, como cantor, tendo composto algumas peças musicais cujo conteúdo não permite que se possa considerar verdadeiramente um compositor. As suas peças que chegaram até aos nossos dias, são reveladoras de um músico com formação muito completa, excelente domínio da redacção do texto musical e da composição, mas falta de exercício de pesquisa harmónica e tonal e, conseqüentemente, ideias musicais demasiado simples.

Eduardo Ribas foi pai do compositor brasileiro Glauco Velásquez, patrono da cadeira nº 37 da Academia Brasileira de Música, que, apesar de ter vivido apenas trinta anos, deixou obra de valor.

O terceiro filho de João António Ribas e de sua mulher Teresa Emília Medina foi Hipólito Medina Ribas, personalidade discreta e fascinante, flautista conceituado e compositor, que viria a morrer repentinamente, no Porto, à porta do Real Teatro de S. João. A sua obra musical desapareceu quase por completo, mas o que existe revela um artista consciencioso e sempre atento às mais profundas questões levantadas pela arte musical.

Dos filhos de João António Ribas, o sétimo foi Nicolau e o oitavo Judite, filha do segundo casamento de seu pai. Depois dos três mais velhos, só estes dois se dedicaram a compor música.

Judite Riche Ribas, dotadíssima pianista, a avaliar pelo que ficou escrito na imprensa periódica, casou aos dezoito anos com um negociante brasileiro e emigrou para o Brasil onde viveu o resto da vida. Cerca de seis anos depois da sua chegada ao Rio de Janeiro, conheceu António Cardoso de Meneses, pianista e compositor de sucesso, com quem encetou vida em comum, vindo a dar à luz numerosos filhos, quase todos músicos e alguns deles compositores.

A música de Judite Ribas, pela atitude, aproxima-se da do seu irmão Eduardo embora a intensa prática pianística a tenha dotado de hábitos musicais que soube aproveitar com musicalidade.

Nicolau Medina Ribas, o mais internacional dos filhos de João António Ribas, foi um violinista de grande craveira que dedicou parte do tempo a compor música para violino. A sua obra consta de dois grupos de peças bastante distintos: os caprichos para violino solo e as peças para violino e piano.



Nicolau Ribas

De um modo geral, em resultado da extrema probidade do compositor, a obra musical composta por Nicolau Ribas revela uma escrita de grande correcção, composição cuidada e extrema eficácia.

As peças para violino solo são, pelo menos, e para além de algumas que ficaram isoladas, três séries de seis estudos: na primeira, op. 26, o compositor homenageia o seu professor, Charles de Bériot, na segunda, op. 33, dedicada aos alunos que tinha no Porto, homenageia D. Luís I, e na terceira, op. 34, presta homenagem à imprensa periódica portuguesa.

Todos estes estudos, sempre de alta virtuosidade, estão intitulados *Préludes-Études* por terem um conteúdo musical que ultrapassa a mera necessidade de contribuir para a ultrapassagem de situações tecnicamente definidas e, sendo todos muito diferentes, contêm soluções técnicas e musicais particularmente interessantes, que os transformam em verdadeiras peças de concerto. Por outro lado, aqui N. Ribas revela mais imaginação tonal, maior pesquisa harmónica, ousadia melódica e virtuosidade do que na generalidade das peças para violino e piano.

Um dos exemplos mais típicos destas características é *Le Tourbillon*, op. 33, nº 5. Neste prelúdio-estudo, em ré bemol menor, depois de catorze compassos em que o compositor define solidamente o tom e modula a lá bemol maior, tem início uma longa passagem que

começa em mi bemol menor e passa por mi menor e fá sustenido maior para chegar a si maior, de seguida, passando por diversos tons, modula a mi maior e vai acabar e sol maior.

Vem de seguida uma parte central onde a divisão ternária dá lugar à divisão binária, *meno mosso, molto espressivo*, e da subdominante de sol maior vai até à dominante de ré bemol; a terceira parte retoma as características rítmicas e tonais do início, mantendo até ao fim uma sólida referência à tónica de ré bemol menor. A dinâmica vem conferir um especial sentido a toda esta peça, já que a primeira metade do estudo se passa em pianíssimo e a segunda é um *crescendo* até ao acorde final, o que coincide com uma perda progressiva de complexidade tonal.

As peças para violino e piano são também bastante diferentes entre si: se *Le Délire*, op. 12, é uma peça em que a virtuosidade caracteriza intensamente a parte de violino, noutras, como por exemplo *La Plainte*, op. 8, *Adelaide*, op. 18, *Amizade*, op. 24, *Souvenir d'Amitié*, op. 35, ou *Lamento Saudoso*, a expressividade melódica é a característica predominante, sendo que noutras ainda, como é o caso de *La Précieuse*, op. 38, a leveza, a elegância e o sentido do humor salientam-se sobre qualquer outro traço mais forte.

Entre estas peças, todas elas publicadas no Porto, em Paris ou em Hamburgo, deve destacar-se o *Souvenir d'Amitié*, op. 35, uma peça notável dedicada a Charles Marie Widor, em que o discurso musical e a intensidade expressiva são conduzidos com toda a segurança de modo a que a peça culmine eficazmente no seu último compasso que, apesar de intenso pela dinâmica e expressão, não vê diminuído o sentido conclusivo que lhe é inerente. A clareza formal, a amplitude melódica e a equivalência entre a presença do violino e a do piano são contributos decisivos para o magnífico resultado final.

Apesar da música de Nicolau Medina Ribas e dos seus familiares se encontrar, neste momento, dispersa ou irremediavelmente perdida, a paciente procura de velhas partituras e manuscritos tem dado resultados altamente encorajadores, para os quais tem sido decisivo o benemérito interesse que os descendentes votam ao estudo da biografia e da obra dos seus antepassados, quer pesquisando, quer estimulando a pesquisa, e, perante este panorama, somos levados a encarar com optimismo o futuro de um valiosíssimo património que aos poucos vai sendo recuperado.